4 de Janeiro de 1920

ANNO IV — N.º 169

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

Portugal e Hespanha, anno 2$000; semestre, 1000; Colonias portuguezas, 2$500 ou 2$000 pagos em Aveiro. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 3$000 fortes.

Numero avulso 40 reis

Redacção e administração

Praça Luiz Cypriano—Aveiro

O DE AVEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Publicações

No corpo do jornal 300 rs. a linha. Pagina de annuncios 200 rs. a linha. A linha é contada em columna de annuncio.

Composto e impresso na TYPOGRAPHIA NACIONAL (a vapor), R. dos Santos Martyres, — AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Educação Nacional

Nunca, em Portugal, grupo nenhum se constituiu menos em volta de um homem do que a *Liga de Educação Nacional*. A maior parte dos adherentes nunca me falaram, nunca me viram, e nunca ouviram dizer de mim *senão as peores coisas*. Nas mesmas circumstancias estão aquelles que me conhecem por já se terem de mim approximado. A impressão pessoal, n'esses como em todos, era detestavel. Muitos m'a teem confessado. Mas não é preciso que ninguem m'a confesse, porque logo ao primeiro olhar, ás primeiras palavras, eu a sinto e apalpo. Eu vejo a admiração extrema dos que se avizinham por encontrarem em vez de um bicho um homem. Ninguem se abeira de mim sem a impressão de que sou um urso, um troglodyta, pelo menos um selvagem. Ha pessoas que me querem conhecer só para se certificar de que, effectivamente, não sou um lobishomem. Tal fama me teem feito n'esse sentido que ha quem conserve o *terror* mesmo depois de elle ter ficado, ao primeiro encontro, attenuado. Ha pouco dizia-me uma senhora, de educação e distincção, que por motivo de hospedagem se encontrara commigo, uma vez, em certa casa: «Eu tinha-lhe medo. Fugia, quando sentia os seus passos!»

Era a vantagem dos quadrilheiros. A arma que elles empregavam. Amei sempre o isolamento e conservo esse amor. Ninguem lastima mais do que eu que se esteja a desfazer a lenda que crearam os miseraveis. Não é aos sessenta annos que se criam novos habitos, um outro modo de pensar e de sentir, que se almeja uma outra existencia, que se chocam ambições. O que os homens querem aos sessenta annos é, como eu quero,... que os deixem. Velho, cheio de decepções, desilludido, com uma vida passada de soffrimentos e amarguras, victima das maiores iniquidades e por isso mesmo com um fundo de revolta que já não é possivel apagar, descrente dos homens, meio sceptico por intelligencia e por consciencia, ando n'isto... como um forçado. Sem, todavia, ser um pessimista, como disse no artigo anterior. Sem me invadir o desalento. Antes, por vezes, com o enthusiasmo d'um rapaz. Antinomias da alma humana, que é um caldeirão a ferver, com muitas coisas dentro, n'uma lucta de fusão que não chega, jamais, a realizar-se.

Com esse amor do isolamento, com a minha aftitude de *terrivel*, impiedoso no castigo dos bandidos, sem condescendencia com os parvos, nada lisonjeiro, pouco amavel, com um feitio que se não dava no ambiente creado, eu favorecia admiravelmente a campanha dos miseraveis. As apparencias, de certo modo, davam-lhes a elles razão e a mim condemnavam-me. E assim foi-lhes facil, aos vis quadrilheiros, crear-me uma reputação deploravel.

Não ha, pois, em mim nenhum motivo, absolutamente nenhum, de attracção pessoal. Se eu sirvo de ponto de apoio é pela confirmação que os factos trouxeram á minha propaganda de quarenta annos, confirmação esmagadora, confirmação estrondosa. Ha quarenta annos que, sem ser ouvido, eu clamo n'este deserto. Onde o rufar do meu tambor e o toque do meu clarim emfim encontram echo. Não são phrases de valor imaginativo, são-n'o de valor real. No meu estylo ha rufos de tambor, ha toques de clarim chamando á guerra, tocando a reunir e á carga. Sentem-se gritos de alarme, de chamamento ás armas, mesmo sem se soltar expressamente o grito de *alerta! alerta! ás armas! ás armas!* E' todo o segredo do meu estylo de jornalista de combate. Cada palavra é um grito de guerra, cada phrase um tiro, cada exclamação uma chicotada.

Nunca me preoccupei muito com os *rotulos*, pois é facil, a cada um, affirmar o que quizer. Preoccupei-me muito mas foi com as intenções e com os actos. D'ahi a minha guerra ao bandido, de uma coherencia, uma decisão, uma tenacidade rara. A melhor idéa é *pessima* quando applicada de má fé. A melhor idéa é na pratica, quando o praticante não está á altura d'ella, desastrada ou nulla. E a peor idéa mais proveitosa do que a melhor idéa quando os encarregados de a pôr em execução o fazem com sinceridade, bons desejos de acertar, zelo, tacto ou bom senso, e intelligencia superior. O que inutilisou esta terra não foi a monarchia nem é a republica. Foi o imbecil e o tratante. O imbecil e o tratante que eram e são os mesmos quando affixavam e affixam o rotulo monarchico, republicano, socialista ou bolchevista.

Não dei ás formas de governo, nem dou, como tantos deram e dão, como tantos lhes attribuiram e attribuem, importancia capital e decisiva. A que eu dei importancia capital e decisiva foi á mentalidade nacional, foi á educação publica. Foi a nossa baixa e falsa mentalidade, foi a nossa baixa e desgraçada educação publica, que permittiram todas as especulações, todas as immoralidades, todas as torpezas e sandices que nos estão anniquilando em republica, como nos anniquilaram em monarchia. Foi a nossa baixa e falsa mentalidade, foi a nossa baixa e desgraçada educação publica, que nos puseram á mercê dos corrilhos e compadrios, das egrejinhas e capellinhas, dos conluios de prostibulo, de toda aquella politica abjecta que já não tendo nome em pleno regimen republicano que a defina, tanto desceu, Pinheiro Chagas definiu *politica de serralho* em plena monarchia. Foi a nossa baixa e falsa mentalidade, foi a nossa baixa e desgraçada educação publica que geraram, fizeram crescer e florescer o charlatão, o traficante, esse ignobil bandido politico que a todos nos mette nojo, que é o mesmo ou peor em republica do que foi em monarchia, e que já se offerece peor do que na republica no *redemptor socialismo*. Falliu o *redemptor* constitucionalismo. Falliu o *redemptor* republicanismo. E fallido anda já, pelos canos d'exgoto, o *redemptor* socialismo.

Eis o que sempre me preoccupou. Eis o que eu sempre julguei de *capital importancia*. Tudo *vae a terra*, emquanto não fôr outra a nossa mentalidade, emquanto não fôr outra a educação publica.

Sempre me preoccupou esse problema, sempre o julguei de capital importancia, e por isso movi e movo guerra dura e crua, tenaz e implacavel ao banditismo e aos bandidos. Que fossem monarchicos os que viessem auxiliar-me na guerra ao banditismo republicano, ou republicanos os que viessem auxiliar-me na guerra ao banditismo realista, pouco me importou. O que sempre me importou, e a isso se chamou *incoherencia*, e isso se apontou como o *meu crime*, foi não poupar uns nem outros, foi combate-los a todos vivamente. Duas fórmas especiaes toma essa desgraçada mentalidade, essa desgraçada, melhor dizendo, essa *falta desgraçada* de educação publica. Uma é a *obrigação*, e n'isso consiste essencialmente a torpe moral e o torpe espirito de quadrilha, de defender todos os canalhas e todas as canalhices dentro do mesmo gremio partidario ou do mesmo credo politico. E'-se republicano? Que sejam bemvindos todos os canalhas ao campo da republica. E'-se socialista? Serão acolhidos com palmas e vivas, agasalhados, acarinhados, exaltados, engrandecidos, todos os malandros que entrarem no campo socialista. E'-se democratico? E'-se regenerador liberal? Tudo bom quanto fôr democratico. Tudo bom quanto fôr regenerador liberal. Ao ouvido uns dos outros ainda se verberam os bandidos. Mas em publico defendem-se, e calorosamente. Torpeza sem nome!

Eu era *incoherente*, e sou, pelo simples motivo de nunca me ter querido submetter a essa moral de bandidos.

Esta é uma das formas, e essencial, da nossa baixa mentalidade, da nossa desgraçada educação publica. Mas outra, não menos essencial nem menos significativa, é a de considerar *a politica* justificação bastante para as mais vergonhosas acções e as mais indecentes apostasias. Vae-se ao poder em nome das mais solennes promessas e dos mais rigorosos compromissos e no dia immediato falta-se a tudo. E' politica! Vae-se ao poder em consequencia de um combate cerrado ás mais revoltantes patifarias para logo no dia seguinte, logo! logo! não só deixar de pé essas infamias, e impunes os seus auctores, mas tambem para as praticar *mais revoltantes* ainda. E' politica! São as difficuldades *da politica*! São os *embaraços do governo!* E todos os mais subterfugios e sophismas, e todos os mais pretextos charros que encontra sempre o incapaz para as incapacidades, e o trampolineiro para a trampolinice.

Eis a causa capital da pavorosa queda portuguêsa. Fez-se esta moral, adoptaram-se estes processos, e toda a gente os acceitou ou convencida ou *vencida e submissa*. E digo *vencida ou submissa*, porque essa moral de salteadores, porque esses processos de grilhetas constituiram ao mesmo tempo, n'esta sociedade corrupta, **a mais terrivel tyrannia.** A *Liga de Educação Nacional*, alem de muitas outras vantagens, tem a de offerecer, emfim, a liberdade, a independencia, a todos os espiritos *d'élite*. Nas quadrilhas penetra-se *de rastos*. Ou se acceita o santo e a senha do *compadrio*, ou se começa por *adular as coteries*, por lisonjear *os altares* para obter as boas graças dos santos, ou é-se expulso e corrido.

O homem intelligente fica coacto deante do mediocre. O homem de caracter sente-se sem força deante do bandido. Ou se submette, ou renuncia á vida publica. Não tem outro caminho.

Pavorosa situação! E de tal forma pavorosa, e de tal forma, emfim, cansou, aborreceu e indignou, que a isso se deve, e a mais nada, tantos olhos se voltarem hoje em Portugal para o auctor d'estas linhas. Porque uma coisa ha de que toda a gente se convenceu n'esta terra, amigos e inimigos, e é a minha maior honra, a de que, se o poder me cahisse nas mãos, eu não transigiria, nem em pouco nem em muito, com a imbecilidade, a crapula e o crime. A de que eu não iria invocar pretextos torpes e estupidos para me deixar embaraçar nas malhas da moral das quadrilhas. A de que eu não abdicaria deante de nenhum farçante ou charlatão, trocando o meu passado pelos risos dos tartufos. Ou me vinha embora, se d'outra forma não estivesse á altura de mim mesmo, ou seguia avante na linha dos interesses da nação e da honra dos principios.

E' o que ha a fazer. A Liga da Educação Nacional não se forma em torno de um homem que nunca fez nada para **agradar pessoalmente.** A *Liga da Educação Nacional* forma-se em volta de uma intransigencia honesta, de uma reforma da mentalidade portuguesa, de uma obra **impreterivel** de educação publica, de que esse homem, pelo seu passado de lucta, é a mais solida garantia. Eu não sou um chefe, nem o quero ser. Sou um ponto de concentração, simplesmente. Eu não imponho as minhas opiniões nem a minha pessoa, a ninguem. Ao contrario, offereço a todos a independencia da intelligencia e do caracter na politica portuguesa, a mais ampla liberdade de analyse e de critica. E a minha maior satisfacção, na altura da vida em que vou, seria não morrer sem o haver conseguido. N'uma palavra, o que desejaria seria formar *uma escola*, e de modo nenhum, no sentido vulgar do termo, *um partido*.

No proximo numero abordaremos a questão do programma. Mas lembrarei desde já que todos os programmas em Portugal *estão desacreditados*, porque ainda nenhum deixou de servir de capa *á hypocrisia*. A nossa garantia perante o publico não ha de ser o programma, mas a confiança que soubermos inspirar na pureza das nossas intenções, na honradez dos nossos propositos, na sinceridade com que nos dizemos dispostos a luctar pelos altos interesses da patria e dos principios.

Ai de nós, se não soubermos inspirar essa confiança, ou se ella for abalada por qualquer motivo!

Homem Christo.

A Caixa Economica de Aveiro e a sua transformação

A Caixa Economica d'Aveiro, a nosso ver, cumpriu a sua missão, aquella para que foi fundada. Prestou beneficios á gente do concelho de Aveiro e limitrophes, principalmente pela regulação do juro, livrando-a assim das garras da usura, e amealhando as pequenas economias de quem não podia depositar grandes importancias. Porém, hoje, ha quem faça mais e em melhores condições; portanto, tem de obedecer á lei natural, deve transformar-se, aproveitando d'essa transformação o mais que ser possa, para a beneficencia, e para auxiliar a pobreza.

Até aqui, fêl-o d'uma maneira, agora passa a fazêlo de outra, visto já não ser precisa para o fim á que era destinada. E, caso curioso e muito significativo! esta ideia, partiu, ou foi sugerida, segundo corre, por pessoa que não é extranha aos serviços da Caixa.

A C. E., actualmente, não vive, vegeta; e com a concorrencia que se está estabelecendo em Aveiro, das outras casas bancarias, não é provavel que o seu viver melhore. Alem d'isso, os beneficios que está prestando pouco vão além do meio por cento que os seus depositantes recebem a mais do que receberiam em outra parte: é isto por enquanto, pois ninguem pode prever o que terá de acontecer no dia de amanhã, tanto mais, que o juro do deposito já foi reduzido, ainda ha um anno, de 5 para 4,5 p. c. E quem é o depositante da C. E.? Pode-se ver. E' na sua grande maioria o individuo mais rico, ou mais remediado do concelho de Aveiro e arredores.

O Estado isenta a C. E. de Aveiro de contribuições pelos seus negocios. Pergunta-se: é justo que o Estado preste beneficios a quem não precisa d'elles, havendo em Aveiro tanta pobreza e tanta miseria? Pois é neste momento, em que a carestia da vida tanto augmentou, de modo a comprometter a vida dos estabelecimentos de beneficencia que aqui existem, que a Providencia se encarrega de fazer apparecer uma proposta que foi apresentada á assemblea da C. E. de Aveiro, pela qual, ficando a casa a mesma, com as mesmas paredes, com os mesmos empregados, (em melhores condições de vida), com as mesmas operações garantidas, de modo que, os seus clientes, pobres ou ricos, se quizerem, lá continuem a negociar, ainda se depositariam, onde mais conviesse, 200 000 escudos, cujo rendimento annual, de dez contos approximadamente, seriam distribuidos todos os annos pela miseria e pobreza.

Pergunta-se ha alguem, de espirito lucido, pensando a sangue rrio e sem paixão, que seja capaz de defender a continuação da C. E. como está e funcciona, em prejuiso da distribuição de 10 contos de reis de esmolas todos os annos, ficando, demais, a executarem-se no mesmo edificio todas as operações bancarias d'hoje, e muitas outras e de maior monta, que concorreriam immenso para o desenvolvimento d'esta malfadada região, que, sendo tão bonita e com tantos recursos, tem estado a dormir um somno que parece de morte? Bem sabemos e é preciso frisar que a C. E. de Aveiro, não morre facilmente, embora para isso tenha de viver com oxigenio. Porém esse caso é outro.

Mas entre viver sem nada beneficiar, e transformar-se beneficiando muita miseria e muita pobreza, não ha hesitação possivel. Transforme-se. Nós somos dessa opinião, e porque estamos perfeitamente calmo, arredado da discussão que muitas vezes cega, sem paixão, que transtorna a maneira de pensar, sem amisades que desviam do verdadeiro caminho, sem interesse, a não ser o interesse pelos desgraçados, que a infelicidade tem perseguido, assim o desejamos.

Sim! porque alem de tudo, não temos o direito de repellir e fazer desapparecer um rendimento que não nos pertence, mas aos pobres.

Vem isto a proposito de um impresso que o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima fez espalhar na cidade, e onde, por signal, vem uma referencia ao sr. dr. Lourenço Peixinho que é injusta. O sr. dr. Lourenço Peixinho, que todo o mundo tem visto que não poupamos quando discordamos dos seus actos, tem prestado tão relevantes serviços como provedor da Santa Casa da Misericordia, e n'esse cargo tem demonstrado tanto zelo, que censura-lo ainda por cima é ir um pouco alem do que a paixão permitte.

Nunca deixaremos de mostrar ao sr. dr. Lourenço Peixinho a nossa discordancia quando não estivermos de accordo. Mas tambem nunca deixaremos de affirmar que, até hoje, no conjuncto dos seus actos, como presidente da camara e provedor da Santa Casa, só ha muito, e muito, que applaudir.

Marinheiros da Armada

Dos marinheiros do *Vasco da Gama* recebemos um cartão de boas-festas.

Ora eis aqui um cumprimento que por vir da alma de patriotas e de republicanos, **e do povo**, mais nos alegra que se viesse dos mais altos potentados.

Aos soldados representantes da nossa patriotica e heroica marinha de guerra aqui deixamos os nossos agradecimentos.

Cartões de visita Executam-se n'esta officina desde 1000 reis o cento.

Falta um Governo

Os ultimos acontecimentos de Lisboa, os casos das bombas, vieram confirmar *immediatamente*, **logo a seguir**, o que, sob o mesmo titulo do artigo de hoje—*Falta um Governo*—no numero anterior escrevemos. Os bombistas eram *marcas conhecidas*. Os autros onde elles forjavam os seus crimes já tinham estado *sob a acção e a vigilancia da policia*. Mas se os governos, em vez de defensores da sociedade, são **auctores e cumplices**, todos elles? Nem podem ser outra coisa, desde que não passaram nem passam de **representantes de verdadeiras quadrilhas.** Os partidos politicos em Portugal **são quadrilhas organisadas** para explorar a nação em proveito de uma infima minoria. Logo, criminosos e representantes de criminosos, como hão de os governos castigar os criminosos e reprimir o crime?

E' preciso *vermos as coisas bem*. Uma das qualidades que nos distinguem como jornalista é *pôr as questões bem*. E isso é tudo. Uma questão mal posta é uma questão embrulhada ou perdida. Ou nunca se resolve, ou resolve-se mal. Para julgar com criterio a primeira condição *é vêr*. Sem conhecimento dos antecedentes ninguem pode deduzir com plena consciencia os consequentes. Como hão de ser os governos defensores da sociedade se, filhos do crime, elles não vivem senão do crime? Que auctoridade teem elles para perseguir os criminosos se não ha criminosos como elles?

Eu disse já no ultimo artigo, mas não se perde nada em repeti-lo, que quem matou a questão portuguêsa foram muito mais os republicanos da republica velha do que os proprios dezembristas. Sem o criminoso desleixo dos dois governos da *Uuião Sagrada*, e, sobretudo, sem o procedimento infamissimo dos camachistas, com quem vivem agora no mais vergonhoso e no mais sujo dos conluios a maior parte dos antigos evolucionistas, não teria sido possivel o dezembrismo. Não o digo de agora. Disse-o logo, como de todos é sabido. Contra uma coisa e outra, o desleixo e os erros dos governos da *União Sagrada*, e a miseranda e ignominiosa traição dos camachistas, aqui clamei, em numeros e numeros d'este periodico, antes do 5 de dezembro, com a mais extraordinaria energia. Mesmo através da porca traição camachista, contra a qual gritaram tantos homens sem vergonha que agora pactuam com ella abjectamente, o que mais confirma o que sempre tenho dicto de que em Portugal não ha politicos **mas bandidos**, mesmo através d'essa infamia haveria triumphado a **boa causa**, a causa nacional, a causa portuguêsa, a da redempção d'este povo, se os governos da *União Sagrada* a teem defendido com habilidade e energia. Foram as suas *complacencias faceis*, aquelle *deixa-te ir* que caracteriza toda a sciencia politica n'esta terra miseravel, a imprevidencia dos incapazes, dos inhabeis, que a perderam. Adiar, transigir, é facil. Resolver, e proceder contra os maus, é que é difficil. E tanto é mais de lamentar essa inepcia e essa inercia quanto foi unica a occasião que se perdeu. Os governos da *União Sagrada* não se deviam ter esquecido de que a cartada que se jogava era de vida ou de morte para o paiz. E quando se joga uma partida d'essa ordem, joga-se com a decisão e com a audacia que o arriscado lance reclama. Joga-se *para ganhar*, não se joga para perder. E jogar a medo é perder.

Comtudo, tambem já o disse mas não é superfluo repeti-lo, o peor mal não foi esse. Tendo sido esse um grande mal, o peor mal não foi esse. O peor mal, o mal irremediavel, o mal funesto, foi o criminoso espectaculo a que desde a revolta de Monsanto vimos assistindo. Pode-se dizer, sem exaggero, que o que vem desde então presidindo aos destinos do paiz é a crapula e o crime.

Falta um governo. E emquanto elle faltar hão de se repetir attentados monstruosos como os que ultimamente se deram em Lisboa. Governos que commettem os crimes, que teem commettido os governos republicanos que administram a republica desde a queda do dezembrismo, não podem reprimir nem evitar o crime. Como, se elles são os primeiros a dar o exemplo do crime? Se elles, para viver, precisam do auxilio do crime? Só pode castigar o crime um governo honesto que não se apoie no crime. Ora nós estamos fartos de ouvir dizer aos proprios ministros, que chegam a dize-lo no parlamento, que se commettem actos crapulosos, iniquidades, attentados á verdade e á justiça, é porque os correligionarios a isso os obrigam. Não precisavam de o dizer, que nós temos olhos para vêr e cabeça para formar raciocinios. Mas dizem-n'o. Como querem os senhores que os governos não protejam os monarchicos, se as quadrilhas em que elles se apoiam pactuam com os monarchicos miseravelmente? Como querem os senhores que os bolchevistas não fabriquem bombas, e não campeiem impunes na sua destruidora propaganda, se as quadrilhas alimentam os sicarios e se os proprios governos promovem e solicitam o apoio dos bolchevistas? Quem levou ao parlamento o Ladislau Batalha, o Dias da Silva e os outros bolchevistas? Quem *lhes paga* para elles fazerem propaganda bolchevista? E' ou não é o Ladislau Batalha um bandido? E' ou não é o Dias da Silva um gatuno? E o Alfredo Franco, mandado á America do Norte officialmente? E tantos outros?

São ou não são elles traidores ao seu paiz e bolchevistas?

E foram ou não foram os governos da *republica velha* que os metteram nos bairros sociaes, que os mandaram á America do Norte, que lhes deram entrada na camara, que solicitaram e solicitam o seu apoio, que mendigaram e mendigam o seu auxilio?

Logo, quem fabrica as bombas são os republicanos que praticam ou toleram essas vilezas. Logo, quem as lança nas ruas de Lisboa **são elles.**

Desenganemo-nos, aqui só ha duas situações e dois caminhos: homens honestos para um lado, bandidos para o outro. Nada de sophismas, que os não permitte mais o estado gravissimo em que se encontra o paiz. Dizem-nos que ha homens honestos dentro dos partidos. Como é que o provam? Mantendo solidariedade com os bandidos? Parece-me que não é a melhor maneira de repellir o criminoso e de estygmatisar o crime. Ha muitos annos que eu oiço apregoar que ha homens honestos dentro dos partidos. Mas sempre os vi mudos e quedos deante dos bandidos. Não é má maneira de mostrar honra e brio. O que os factos attestam, com manifesta verdade e incontestada clareza, é que sempre foram os bandidos que em Portugal dominaram os partidos. Que papel desempenhou então a decantada honradez dos homens serios dentro d'elles? O de fornecer ao crime a força e o prestigio que elle não podia tirar de si mesmo? O de cohonestar as infamias? O de dar á crapula apparencias de moralidade e de virtude? Só se foi isso! Mas ai de nós, se não teem outra missão que a de *paus de cabelleira* os homens de bem do meu paiz.

Os homens de bem filiados nos partidos murmuram, mas ao ouvido dos amigos. Protestam, mas de forma que os protestos não embaracem os bandidos. Clamam, mas deixando que os quadrilheiros os conduzam pela soga, os quadrilheiros, que elles, clamando, humildemente vão seguindo. Abaixo essa hypocrisia! Fóra essa farçada, mais um trecho picaresco d'este nosso entrudo permanente! Esse é dos casos em que o ladrão que fica ao portal é mais ladrão do que o ladrão que vae á vinha.

Os governos é que são os geradores de todas as immoralidades e de todos os abusos, porque assim os querem as quadrilhas. Mas são os *homens de bem* filiados nos partidos, que eu já uma vez defini *pulhas de bem*, os geradores das quadrilhas. Fazer o *mal e a caramunha* é uma das mais repugnantes manifestações da hypocrisia. Censurar o malvado e consenti-lo, fulminar o criminoso e ser solidario com elle, é mais affrontoso da justiça divina e humana que directa e propriamente fazer o mal e commetter o crime.

Os homens verdadeiramente dignos filiados nos partidos ou dominam os bandidos ou retiram-se. A dignidade, a hon-

ra, o civismo, não lhes admittem nem consentem outro caminho.

Haviam de vê-los, se amanhã um governo sério subisse as escadas do poder. Se ámanhã esse governo sério expulsasse das repartições publicas a cohorte de sicarios que, pejando-as, exgota o thesoiro e deshonra a republica. Se agarrasse em todos esses agitadores com cadastro, que, encobrindo-se sob o manto da politica, dos *ideaes*, dos *principios*, não passam de criminosos de direito commum, e os mandasse para as colonias africanas ou asiaticas a isso destinadas, onde deveriam arrastar uma grilheta ha muito tempo. Se instaurasse processos summarios aos depositarios de bombas e aos bombistas, chegando a fuzila-los, a estes, quando auctores de mortes e incendios, se tanto fosse preciso. Haviam de vê-los, a fazer o jogo dos bandidos. Haviam de vê-los, a berrar com os quadrilheiros, hypocritamente, em nome da *offensa* feita á humanidade e aos principios. Elles podem matar creanças, mulheres, velhos, elles, os portadores e jogadores de bombas, elles podem incendiar um bairro, uma cidade, o que lhes aprouver, sem offensa da humanidade e dos principios. Mas, se os fuzilassem, ai dos auctores d'essa offensa á humanidade, d'esse grave attentado aos principios!

Isto está assim. Meus senhores, isto está assim! E olhem que só ha um remedio. A constituição de qualquer ministerio com gente capaz, moral e intellectualmente, de arcar com as gravissimas difficuldades de momento, não é impossivel. Nem muito difficil. O que é muito difficil é encontrar um ponto de apoio para elle. Isso é que eu reputo muito difficil. Por isso mesmo, todas as tentativas que se fizerem no sentido de reunir gente bem intencionada e disposta a uma campanha de doutrina e de factos é benemerita.

EM SANTAREM

Escrevem-nos d'aquella cidade:

Santarem, 23 de dezembro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Cristo.

Junto a esta envio a V. Ex.ª um manifesto, que n'esta cidade foi distribuido, pela reacionaria academia do liceu d'esta cidade, ás ordens de um padre de S. Inacio de Loiola e que ao mesmo tempo é professor do mesmo liceu. Os manifestos foram apreendidos aos estudantes e estes presos e depois de serem interrogados, veio a saber-se que quem os tinha mandado imprimir a Almeirim, tinha sido o dito professor do liceu padre Formigão e que tinham ido á aprovação de um celebre advogado que aqui veio parar, advogado de causas perdidas e que dá pelo nome de Artur Duarte, irmão do celebre oficial de cavalos e dama de companhia do Sidonio I, Teofilo Duarte.

A guarnição de Santarem, isto é: os sargentos, cabos e soldados, viam que no manifesto havia ofensas á sua classe e á Republica, manifestaram-se contra tamanho descaramento. Foi o bastante para que um masmarro que aqui ha que é prior do Salvador desta cidade, e que dá pelo nome de Garcez, reacionario dos quatro costados e que tem por costume confessar pessoas, com especialidade donzelas, nos seus quartos, fosse apresentar no comando militar uma participação contra a corporação de sargentos acusando-os, o que é falso, de quererem assaltar o covil do primo Alvaro ou juventude catolica, onde se planeiam as mais altas poucas vergonhas contra a Republica e contra os democraticos.

Sim, digo os democraticos, porque nesta cidade, tirando estes, os outros ou são monarquicos rotulados de P. R. L. ou ex-republicanos e tubarões. Agora aguardemos o que farão á briosa corporação de sargentos desta cidade e guarnição, que tantas e tantas provas teem dado da sua dedicação á Patria e á Republica, como seja o 14 de maio, a nega dos oficiaes para a França e o 10 de janeiro. Ha aqui outra alma danada que veio importada dos infernos, que é o padre-Rosa e director-proprietario do colegio de Santarem. Este é aqui conhecido pelo padre sinaleiro, pois foi este masmarro quem fez os sinaes luminosos ao inimigo, quando da revolução de janeiro; é um inimigo figadal da Republica (mas encosta-se ao P. R. L.), conspira, difama, ameaça e obriga os garotos que andam no seu coio a ir á missa e a tomar a pastilha ou hostia e a confessarem-se.

Da autoridade nada teem a dizer, a não sermos nós, devido ás suas benevolencias (apesar de ser um republicano que fez parte do 14 de maio e de janeiro) pois já varias vezes tem tido ocasião de pôr mais curto os lacraus, quasi todos sem ocupação (mas protegidos pela talassaria local) que tem reunido e ameaçado os dedicados e bons republicanos.

Um admirador de V. Ex.ª.

* * *

Serenamente...

Uma comissão de alunos do Lyceu de Sá da Bandeira tinha resolvido, em nome da grande maioria da Academia, mandar dizer hoje, na egreja de Marvila, pelas onze horas da manhã, uma missa solene, seguida de *libera-me*, por alma do chorado presidente da Republica, doutor Sidonio Paes, cobarde e vilmente assassinado por um democratico, com aplauso de uma grande parte do seu partido, como é publico e notorio.

O administrador do concelho, um tal sr. dr. Medeiros, ex-sargento do exercito, em virtude de ordens superiores emanadas do ministerio da formiga, dirigiu-se hoje, ás nove horas da manhã, acompanhado de alguns policias, para junto da egreja e intimou o parocho a fecha-la imediatamente.

Sua ex.ª não se dignou chamar a comissão á sua presença a fim de lhe comunicar a resolução que tomára.

Qual a determinante desse procedimento tão insolito?

Nós bem sabemos que o sr. Medeiros, salvo o devido respeito á sua autoridade de administrador do concelho, que acatamos ainda que fosse exercida por uma autentica cavalgadura, tal é a consideração que nos merece a autoridade, é uma pessoa ordinaria, pouco inteligente e sem cultura, apenas com algumas noções de civismo, mal assimiladas, aprendidas na convivencia com pessoas instruidas e que o toleram.

Mas, com franqueza, não o supunhamos capaz de infringir um preceito tão rudimentar da boa educação e respeito que existe entre todas as pessoas bem educadas.

O sr. dr. Medeiros, que em Abrantes e noutras partes pretendia passar por uma pessoa correcta e delicada, mostrou agora o que era na realidade: um casca grossa.

Que triste exemplo de falta de educação deu sua ex.ª a seu filho estudante do Liceu!

Generosos, porem, como todos os moços, nós perdoamos ao sr. dr. Medeiros a falta cometida para com os briosos alunos do Liceu de Santarem

Quanto ao mais, não vale a pena indignarmo-nos contra prepotencias descabidas, que só traduzem medo e fraqueza e tem a grande vantagem de intensificar na alma nacional o culto ao sublime martir da Patria, ao heroico Presidente assassinado,

Até um morto os apavora!

Atraz de tempo, tempo vem.

E se alguma vez para felicidade desta desditosa patria, se sentarem nas cadeiras do poder creaturas que não exerçam coações sobre as nossas consciencias, o que fatalmente terá de se dar, porque o paiz já não pode tolerar por mais tempo as prepotencias dos democraticos, faremos, aqui o juramos solenemente pela nossa honra de rapazes de brio, solenes exequias ao Grande Morto, victima da demagogia.

Seja-nos licito terminar com os seguintes trechos do jornal a "Lucta„ devidos á pena scintilante do ilustre republicano, dr. Brito Camacho:

"Mas então os amigos dum morto, fosse ele quem fosse, não teem o direito de chorar com saudade, o direito de erguer preces ao Altissimo, implorando a sua salvação? Se o fazem nos recolhimentos dos templos, embora com aparatos de culto externo a querer tomar proporções de consagração apoleotica, é necessario que ninguem os perturbe na sua devoção, porque o contrario seria dar provas de intolerancia só digna de fanaticos.

. . . . . .

O que é lamentavei, porque nos envergonha, é este espirito de intolerancia que se manifesta a cada passo, intolerancia feroz e que chega a parecer absurda, por via de parte de individuos que se dizem republicanos, tão bons republicanos que passam a vida a defender a Republica.

E' necessario, para honra de nós todos e prestigio da Republica, que um semelhante estado de cousas não continue„

Fazemos nossas as palavras deste ilustre republicano historico, lavrando o nosso mais veemente protesto contra uma violencia inaudita que todos os homens de bem reprovam e que nos degrada aos olhos das nações civilisadas.

Santarem, 18 de dezembro de 1919.

Um grupo de alunos do liceu.

Anda a pedir muita tapona, tudo isto!

Em Mafra

Ex.mo Sr. Homem Christo

Venho informa-lo da flagrante injustiça de que são victimas os sargentos actuaes alunos da Escola Central de Sargentos, em Mafra, dando-se-lhe como recompensa dos seus serviços prestados á Patria e á Republica o conceder-selhes licença **sem vencimento algum** durante as ferias do Natal, que vão de 24 do corrente a 3 de janeiro de 1920, facto este que nunca se deu, pois que a exemplo dos demais estabelecimentos de ensino nunca os alunos foram cerceados nos seus vencimentos durante aquele tempo, tanto mais que a maioria são chefes de familia, acrescendo á carestia da vida o serem os alunos obrigados a comprar papel e tinta para os diversos exercicios escolares. E' pois o dinheiro estorquido aos sargentos reservado para beneficiar alunos de categoria superior como sejam os aspirantes que em breve serão chamados a tirocinio.

M.

Não sei se é de lei. Em todo caso, o signatario tem razão. Moral e financeiramente é... uma miseria.

Arnaldo Fortes

A honra prevalecerá!

Emquanto que, com os olhos postos numa estrela de brilho duvidoso, na translucidez de um céu pardacento e nas incertezas de uma espectativa pouco confiante, me ponho a esperar pelo que me possam trazer os ventos, mais firmes nas decepções amargas do que em surprezas favoraveis, peço aos meus dois unicos leitores d'este periodico, para que me outorguem a honra de lhes apresentar o nome cheio de brilho de Arnaldo Fortes, nome que traduz um caracter do mais fino quilate moral, vulto de altissima nobreza, figura insinuante, energica, tocada da graça hypnotica de um poderoso atractivo.

Em verdade vos digo, preclaros leitores carissimos, que estamos em frente de um talento intrepido, de uma coragem stoica, de uma vontade tenacissima, que nenhuma adversidade abranda e nenhum inimigo intimida.

A ameaça, para Arnaldo Fortes, é o menos eficaz de todos os meios de seducção. Perante uma situação perigosa, ninguem é mais senhor da sua cabeça e domina com mais sangue-frio o coração.

De um grande poder sugestivo, o seu semblante, ao mesmo tempo vivo e meigo, de uma limpidez cristalina, revela a sensibilidade delicada de uma natureza *d'élite*, alma aberta aos mais puros impulsos do sentimento.

A sua vida coteja-se com a dos herois e suporta um grande paralelismo moral com a do nobre director d'este periodico, numa refrega continua contra o Genio do Mal. Ambos victimas abnegadas da crapula politica dos tempos criticos que atravessamos, em que as virtudes civicas, motejadas pelos sarcasmos irreverentes da moda elegante, são perseguidas e humilhadas pelos detentores do Poder, posto ao serviço de todos os bandidos.

Homens fortes, luctadores homericos, almas d'aço retemperado no crisól das mais duras provações, eu vos saudo num hausto de sincéra admiração!

A lucta tem esta coisa grandiosa que nos arrouba a alma em extasis de polarisação galvanica: a gloria que ilumina e embeleza as almas; o heroismo que fortifica e depura os sentimentos.

A pugna titanica está sempre travada entre o bem e o mal, a consciencia e o crime, o civismo e o banditismo. Mas a honra, o direito, a justiça, antes que desajudados da força material, erguem por ultimo os seus trofeus gloriosos. Chega sempre o momento em que o anjo da treva, o idolo do erro sucumbe rolando na lama.

Arnaldo Fortes é, na realidade, um forte. Scintilam na candidez do seu olhar, os fulgores das mais confiantes esperanças. A sua alma franca e generosa, abre-se *d'in promptus*, como um faról, para todos os que abordam a sua palavra vibrante de magnetica emotividade. A dissimulação, essa arma predilecta de todos os covardes, de todos os reptis venenosos, indigna das almas nobres, não a conhece Fortes.

Republicano de principios puros, a sua alma sincéra de indignado, muitas vezes vibrou para apostrofar os vendilhões do templo augusto da Democracia, para ahi convertido e profanado numa agencia dos mais escuros negocios.

E é porisso que ele expia hoje, no seu degredo de Torres Vedras, os delictos das suas grandes virtudes civicas, perseguido de odios facinorosos, que contra ele veem incubando, de longinquas éras, as mais crueis vinganças.

Como deve ser profunda a sua magua ao contemplar o triste espectaculo da sua patria, entregue á deshonestidade mais impudica, prevalescendo sobre a virtude confiante! Como é doloroso vêr a malicia, a perfidia, a infamia, dictar as leis ao civismo, á inocencia, a honra!

Brutus, ao expirar, convenceu-se de que a virtude era uma mentira.

Cristo teria pensado o mesmo quando se viu preterido por Barrabás.

Ferrer, ainda hontem, clamando a sua inocencia, rolou no sólo, crivado das balas dos sicarios da Lei.

Oh! Mas a Historia vingou-os, erguendo-lhes altares! E lançou no Tartaro de eterno oprobio aos seus algozes!

Sublima-se, engrandece-se, exalta-se sempre o homem que se intenta destruir pelos meios iniquos.

Em todos os tempos historicos as perseguições patrioticas deram fóros de nobreza e honras de cidade.

Faltavam a Arnaldo Fortes as consagrações do exilado politico. Possue hoje mais esse titulo a acrescentar aos seus altos meritos. Porque só o homem de meritos distinctos póde concitar contra si as invejas dos mediocres e dos facciosos. Ninguem implica com os nulos, que passam despercebidos sobre a terra. Tanto maior é o valor quanto maior a soma dos invejosos da sua gloria. Foi assim em todos os tempos. Os trofeus de Milciades despertaram sempre os rancores de Themistocles. Era preciso derrubar Arnaldo Fortes, cuja estatura demasiada fazia sombra excessiva. Porisso contra ele se levantaram as acusações mais inverosimeis e fantasticas. Todos os crimes previstos e imprevistos do Codigo Penal lhe foram atribuidos e assacados. E tal carga lhe opozeram os seus implacaveis censores que o publico, que os conhece, desconfiou logo da probidade dos Catões de Pechisbeque.

Nunca haverá socego nas sociedades emquanto se não pode eliminar de seu seio essa choldra de intrigantes a que se dá o nome de politicos, mas que não passam de grandes miseraveis. Emquanto se não poder extinguir esta vil raça de malfeitores publicos, serão inuteis todas as tentativas de implantação do principio da fraternidade universal, esse reinado divino sonhado por uns parvos cronicos que dão pelo nome de filosofos e filantropos.

Portugal pôde libertar-se de reis incapazes. Mas não pôde ainda ver-se livre dos politicos de oficio, que são os mais perigosos de todos os animaes ferozes. Foram estes, bandidos organizados em quadrilhas, que perderam a monarquia e hão-de, com a Republica, estrangular a propria Patria!

J. Baptista de Lemos.

Caminhos de Ferro do Estado

Ex.mo Sr. Homem Christo

O seu belo jornal o unico que deveria ser lido de preferencia pelos bons patriotas, encerra geralmente punhados de verdades esclarecendo os ingenuos e dando p'ra baixo sem olhar a cores politicas sempre que os homens erram propositada, imbecil ou criminosamente. Conscio da vossa invulgar independencia e ainda mais dos vossos comprovados dotes de superior inteligencia e radical republicanismo, apelo para V. Ex.ª para que se digne apreciar o que é o Conselho d'Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, que abrange os serviços das Direcções do Minho e Douro e do Sul e Sueste. A' frente d'este Conselho estão dois sidonistas (monarchicos ferrenhos) um chamado Pinto Ozorio, que é o presidente, e um tal Barboza Pitta, que era factor ou cousa similhante da Companhia do Norte e Leste, arvorado em secretario, logar que sempre foi desempenhado por engenheiros conhecedores do métier, emquanto este é um incompetente para o desempenho de taes funções e conhecido pelo pessoal do Concelho como simples secretario do presidente cuja incompetencia para o logar que exerce é tambem manifesta nas cousas mais simples.

Estes figurões acolitados por outros sidonistas-monarchicos procuram por todas as fórmas desagradar aos funcionarios do Conselho porque estes não teem elementos de resistencia para greves ou outros quaesquer actos que possam contribuir para a sahida d'eles d'esses logares excessivamente bem pagos e mal desempenhados visto que o deficit orçamental dos Caminhos de Ferro do Estado, desde que a sua Administração está confiada a estes cavalheiros tem-se agravado de um modo pavoroso estando em completo estado de falencia. Um tal Brito Guimarães, camachista-sidonista-monarchico, creou um Conselho composto dos seus correligionarios, augmentando extraordinariamente a despeza, como é facil averiguar confrontando a ultima folha do antigo Conselho (os competentes) com a 1.ª e seguintes do actual incompetente Conselho.

Estes figurões odeiam os republicanos que servem nas repartições que constituem os serviços centraes do Conselho, cerceando por isso quantas regalias uzufruiam desde o seu inicio, a ponto de lhes retirarem os passes da Beira Alta, e agora querem tirar-lhes os passes da C. P., para os entregarem a empregados do M. D. e do S. S., por estes assim o exigirem, apesar de terem menos direito a eles do que os funcionarios que sempre os tiveram. A razão é porque o pessoal das Direcções se impõe e pode fazer greve exigindo a sahida dos comilões e é precisamente o que eles temem é perder as *gamelas* e portanto carregam em quem pode oferecer seria resistencia. Isto é covardia que revolta os atingidos a ponto de os poder fazer anarchistas á força das circunstancias.

A paciencia tem limites e a ousadia d'estes *gameleiros* deve ser sopeada pelos atingidos, visto que ha governantes que no proprio Congresso do partido democratico se arvoraram em advogados de defeza de taes charlatães-gameleiros. Veja V. Ex.ª como se defendem as instituições? Colocam em logares que deviam ser confiados a republicanos, acerrimos inimigos do regimen.

Qualquer dia não será d'estranhar que convidem o Moreira d'Almeida para a pasta do Interior, o Ayres d'Ornellas para a guerra e o celebre capitão-*fadista tarimbeiro* para retomar o comando da policia da capital. Isto já deixa de revoltar para enojar.

Agradecendo a publicação, confesso-me

De V. Ex.ª
M.º Att. Venr. e Adm.

17—12—919.

M. M.

Carta de Angola

BALOMBA, 20 de outubro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Sou funcionario publico, do quadro administrativo, a unica classe que aqui em Angola mete anualmente milhares de escudos nos cofres do Estado, mas em compensação a mais mal paga. O quadro dos chefes dos Postos Civis, de que faço parte, ganha por mês 20$29 Esc. !!!

Tem por cada cubata que arrolem e cobrem $09!! Agora o inverso. 1 par de botas 20$00 esc.; cada metro de cotim ordinario 1$60, idem de caqui 2$20. Um fato de casimira 70 a 80 escudos.

Arroz $80, assucar $60, bacalhau 2$50; e assim tudo em comparação com este pequeno pano de amostra.

Em compensação, grandes tubarões, sanguesugas, ganham em Loanda, metidos em luxuosos gabinetes milhares de escudos sem nada fazerem, sem terem responsabilidades, e atribuições que teem os chefes dos Postos.

O chefe do Posto tem pouco mais ou menos as seguintes atribuições:

Administrativas, judiciais, militares, de procuradoria, etc., etc., isto é, mais atribuições do que um governador de Distrito em Portugal. Se V. Ex.ª me der licença publicarei, debaixo de um pseudonimo, diversos artigos explicando o que isto é, atribuições e ganhos, enfim a ver se conseguimos melhoria de situação já que tão mal tratados fomos pelo sidonismo representado pela sinistra figura do Filomeno da Camara, que nunca devia ter vindo á Africa.

Aumentou ordenados a quem d'isso não precisava e em compensação, áqueles que mantem a ordem por esses sertões fóra cortou-lhes a percentagem, mas em compensações aumenta-lhes o ordenado, que nunca foi pago, sendo sim, mantidas percentagens modernas com ordenados antigos! Já viu uma infamia destas!! E depois exigem honestidade nos chefes dos Postos!!

Se V. Ex.ª desejar publicar esta carta, bordando sobre ela algumas das suas justissimas considerações, poderá fazê-lo, cortando porém a direcção e o nome de quem esta escreve, pois que aqui as perseguições tambem estão em moda, especialisando aquelas que são feitas a quem tem a coragem de dizer a verdade. A republica aqui tambem faliu como faliu em Portugal.

Fico aguardando a autorisação pedida e o jornal.

Termino, pedindo que casque neles, tanto nos dahi como nos daqui, e das outras colonias, pois julgo que todas se queixam do mesmo mal.

Peço que disponha do que é

Am.o vnd. e obg.
R.

Note bem. Vou-lhe fazer as contas de quanto ganha um chefe de Posto:

Ordenado anual		300$00
Supondo que arrole e cobre 7:000 cubatas a $09		630$00
1000 currais que cobre, percentagens aliás gratificação dada pelas Comissões Municipais, a $240		240$00
		1.170$00
Temos pois		1.170$00
Agora descontos:		
4$71 no ordenado por mez	56$52	
10 % nas percentagens para a Fazenda Nacional	87$00	= 143$52
Liquido a receber		1.026$48

Isto são contas referentes a quem arrole e cobre 7.000 cubatas! Mas olhe que ha Postos civis que arrolam mil cubatas!!

Embora se pague tanto dinheiro ao Estado não temos direito a hospital, licença graciosa, reforma e somos todos interinos.

Em compensação, os negros que são empregados publicos, teem direito a ir a Portugal, com licença, ordenado por inteiro, hospital, reforma, enfim todas as regalias. Nós, os brancos, os que damos dinheiro ao Estado, somos desprezados e tratados peor que animais

R.

Resposta simples

Ex.mo Senhor Homem Christo

Peço a V. Ex.ª a publicação do seguinte:

O extracto do *Diario de Noticias* que foi remetido a V. Ex.ª diz claramente que as condecorações dadas aos oficiaes do ministerio das colonias foram por serviços prestados em campanha, *serviços* que não se sabe quaes sejam, porque os oficiaes citados os não prestaram.

Sabendo-se que o *Diario de Noticias* costuma colher de boa fonte as informações que insere nas suas columnas, produziu extranhesa nos meios militares o dar-se como entrados em campanha individuos que não tomaram parte nas operações. Este é que é o verdadeiro caso, e a *O De Aveiro* o comuniquei por o julgar susceptivel de reparo, como muitos outros sucedidos n'estes desgraçados tempos de compadrios, e que V. Ex.ª estigmatisa com a rijesa do seu pulso de aço e com a indignada colera do seu temperamento de luctador inegualavel. Só isto, e já não é pouco!

E' o que, por agora, devo dizer a V. Ex.ª, pelo muito respeito e estima que tenho pelo meu antigo superior hierarchico, e deito á margem o arrasoado de *Um oficial inferior do exercito* que, devendo procurar *outro oficio*, com tal despejo possa livremente referir-se a oficiaes superiores, e mostre, d'est'arte, a sua *competencia profissional!*

Sou De V. Ex.ª
Adm. e muito obrigado
C. de M.

Lusitano Brites
Consultor Juridico do Ministério do Trabalho
ADVOGADO
LISBOA—Chiado, 29-2.º D.

Liga de Educação Nacional

Seguem, por ordem chronologica, isto é, por ordem de datas, as cartas de adhesão, recebidas após a publicação do ultimo numero d'este periodico.

A primeira recebida foi do

Dr. Antonio Luiz Gomes Filho

Este nos o prezadissimo amigo é uma intelligencia e um caracter. Não herdou de seu pae somente o nome illustre e immaculado. Herdou tambem aquellas nobres e altas qualidades. Sabe-se que o dr. Antonio Luiz Gomes foi um dos mais valiosos elementos, durante a monarchia, do velho partido republicano. Membro do governo provisorio, onde geriu a pasta do fomento, retirou-se, por não concordar com a politica errada de que estamos soffrendo ha muito as consequencias deploraveis. Foi uma falta muito grande para a republica, que logo de entrada perdeu alguns dos seus homens de mais prestigio pelo talento e caracter. Doutor em direito, podendo ter sido lente da Universidade de Coimbra, se quizesse, com a independencia da sua fortuna, com talento e altas qualidades de caracter, o dr. Antonio Luiz Gomes era d'aquelles nomes que nobilitam uma causa. Retirou se, retrahiu-se, sem deixar nunca de ser republicano, e indo para a Santa Casa da Misericordia do Porto, que administra ha annos, dar novas provas de saber, de bom senso, de abnegação e probidade.

Seu filho, joven advogado, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, está á altura do nome que usa e é um verdadeiro continuador, em tudo, das qualidades que impõem seu pae á consideração publica.

E' uma adhesão muito valiosa para a Liga de Educação Nacional.

Porto, 20 de Dezembro de 1919.
R. da Restauração 430.

Ex.mo Senhor e Meu Venerando Amigo

Tenho acompanhado com muito interesse a campanha patriotica do sr. Oliveira Cabral.

Confesso que não via com tanto optimismo, a viabilidade dum partido, nos termos em que o sr. O. Cabral o desejava.

Os partidos da Republica faliram, porque se constituiram artificialmente, falseando os principios democraticos.

Se á volta de V. Ex.a se reunisse um grupo de homens, integrados no seu espirito de justiça e de honestidade, a obra de Homem Christo, individualidade notavel não só no nosso país como em qualquer outro, assim como já é benemerita, daria ainda dias de prosperidade á nossa querida Patria.

Um partido que me desse garantia de efectivar uma politica de governo, o que V. Ex.a tem defendido e sustentado no intemerato *O De Aveiro*, seria o primeiro em que me filiava.

Assim, apresso-me a apresentar a V. Ex.a a minha adesão á Liga de Educação Nacional.

Está gasta a frase: os povos tem os governos que merecem». Tambem eu digo, convencido que um povo sem educação não pode ter boa politica nem fiscaliza-la.

Façamos uma obra de educação, persistente e honesta. Depois, mais facilmente se conseguirá modificar os nossos defeituosos costumes politicos.

Herdeiro dum nome que á Republica deu a melhor da sua fé, na propaganda e no governo, devotado desinteressadamente ao bem publico, entro para a Liga com a ancia justificada de ver como realidades proveitosas, as mais puras ideias que meu Pae tão estrenuamente defendeu, na tribuna e no jornal.

Cabe dentro do papel da Liga irmos, de novo, fazer a propaganda dos sãos principios republicanos, em contacto com as massas populares.

Seremos poucos talvez, nesta cruzada, mas poucos dispostos á ação, com vontade e unidos nos seus esforços, valem mais que uma multidão.

Não nos esqueçamos que os partidos teem falseado os seus programas, com o baixo intuito de alcançar força eleitoral.

Oxalá que a creação desta Liga, revelando consoladoramente que nem tudo está corrompido pelas clientelas politicas, tire do seu criminoso indiferentismo as chamadas forças vivas, interessadas directamente nesta ingente empreza—o resurgimento nacional.

Com a mais viva simpatia, creia V. Ex.a na verdadeira amisade de

Antonio Luiz Gomes, filho.

* * *

Não temos a honra de conhecer o signatario da carta que se segue. Mas diz-nos pessoa que o conhece que é digno de toda a consideração pelas suas excellentes qualidades.

Coimbra, 20—12—919.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Vejo, com satisfação, fundada a Liga de Educação Nacional, e aberta a lista dos adherentes.

Sou um pobre chefe de familia e humilde funcionario da Secretaria da Junta Geral deste distrito; porém, se V. Ex.a nisso não tivor inconveniente, rogo-lhe se digne inscrever-me na lista dos adherentes da mesma Liga, ficando desde já e da melhor vontade disposto a prestar em seu auxilio ou beneficio, tudo o que dentro das minhas forças estiver.

Com muita consideração por V. Ex.a a quem deseja muitas felicidades e venturas, se subscreve

Assignante do seu «O De Aveiro»
Manuel Francisco.

* * *

A carta immediata, embora datada de 15 de dezembro, chegou aqui depois do dia 20.

Ex.mo Sr. Homem Cristo
AVEIRO

Primeiro que tudo declaro a V. Ex.a que termina o praso da minha assinatura — que paguei por um ano — em 4 de abril de 1920. Mas, lá para o fim de março enviarei a V. Ex.a 2$49, contando assim, pagar tambem por 2$00 o ano da minha assinatura que termina em 4 de abril; e acho que não faço nada de mais. Pena tenho que o brilhante jornal que V. Ex.a altamente dirige não seja diario. Se o fosse, apesar de eu ser pobre, da melhor vontade o pagaria por mais elevado preço, do que aquele por que vendem certos diarios da imprensa portuguesa, que, na verdade, são mais engraxadores messianicos que defensores patrioticos.

Por amor de Deus, Sr. Homem Cristo, não suspenda a publicação d'*O de Aveiro*. Se 2$00 é pouco peça mais. Então se essa luz brilhante, que só aparece uma vez por semana, chegasse a desaparecer, onde encontravamos nós farol tão luminoso que tão bem nos indicasse o caminho da verdade, ou que nos guiasse, para que não fossemos arrastados nos turbilhões das correntes, compostas tambem como se sabe, por tratantes que V. Ex.a constantemente marca a ferro em braza?

Por amor de Deus, senhor, ainda que muito se aborreça, vá sustendo a sua folha jornalistica, que, como um archote em braza, ela sósinha, é bastante para inflamar a alma das multidões em defesa do direito e da justiça. Em vez de pensar suspendê-la, antes contribuir para mais alargar a sua publicidade.

V. Ex.a fala sósinho? Que importa isso, se todo o paiz ouve a voz de V. Ex.a como a França inteira ouviu a voz do *Homem Encadeado*. Não havia na França uma voz isolada, sósinha a acusar os proprios ministros de traidores?

Era a voz perdida, aterradora e formidavel de um velho jornalista como V. Ex.a, a falar, a gritar sósinho no recanto de um paiz immenso! A França inteira, voltando os ouvidos para a banda onde gritava esse homem — ouviu-o. Ouviu ele dizer que era preciso salvar a França! Foi busca-lo e mandou-o governar. Quem era ele? Era Clemenceau, o *tigre* da França, como V. Ex.a, Sr. Homem Cristo,— estou certo disso, — ha de ser ainda o *tigre* de Portugal.

Termino a minha carta, Sr. Homem Cristo, dando com a maior satisfação o meu voto á brilhante iniciativa do ilustre professor sr. Oliveira Cabral.

Saude e Fraternidade

De V. Ex.a
mt.o obgd.o

ABRANTES-Bicos da Bemposta
15-dezembro-1919

Joaquim Calvario.

* * *

Tambem chegou depois do dia 20 a carta que se segue:

PORTO, 19 de Dezembro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Cristo.

Tenho acompanhado com muito interesse, todas as demarches empregadas no sentido de ser formado um forte e são Nucleo de Salvação Nacional.

Como já se encontra em formação tão importante nucleo, com o nome bem aplicado, de «Liga de Educação Nacional», auctorise, Ex.mo Sr., que eu venha a fazer parte de tão importante e honesta agremiação Nacional.

Com muita estima e consideração, sou

De V. Ex.a
Muito Atento e Venerador

Armando Queiroz.

Travessa da Triadade, 95

* * *

Amadora, 21—12—919.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Até que emfim!

Está fundada a Liga de Educação Nacional e aberta a lista dos aderentes.

Estou presente!

Para que não fique no ról dos esquecidos peço, a V. Ex.a, que me conceda a honra de me inscrever como um dos primeiros patriotas que correm á chamada.

Considero uma honra para mim o ser um dos primeiros a inscrever-me nessa bendita Liga, pela Patria, pela Republica e pela redenção da heroica raça portugueza!

Desde já peço a fineza de, sobre o assunto, me serem dadas as necessarias instruções para que, eu, não fique inactivo. Unir fileiras!

Vamos a obras!
Basta de palavras!
Viva a Patria!
Viva a Republica!

De V. Ex.a
Amigo Att. Ven. e Obr.
Manuel José Paredes.

* * *

Santa Eugenia (Alijó), 23 de Dezembro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Se a iniciativa do Snr. Oliveira Cabral for avante, de que me permito duvidar, póde contar com mais um obscuro soldado.

Subscrevo-me com toda a consideração e estima.

Atento Venerador e Obrigado.

Thomaz Ignacio de Carvalho.

* * *

Portalegre, 23 de Dezembro de 1919.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Assiduo leitor do seu jornal, vi com imenso prazer que V. Ex.a fundava a Liga de Educação Nacional, da qual peço me considere um humilde soldado, não como intelectual que o não sou, mas como um honrado cidadão, e que não deseja empregos publicos.

Sem mais seu admirador.

Eusebio Tavares.

* * *

S. LOURENÇO DE ALMANCIL
23 de dezembro de 1919

Ex.mo Sr. F. Manuel Homem Cristo.
AVEIRO

Tem esta por fim dar a minha adesão ao ideal que V. Ex.a vem defendendo desde que eu comecei a ler o seu muito apreciado jornal, pois desde abril de 1910 que o leio quando o posso obter, conservando ainda em meu poder alguns exemplares. Tenho sempre concordado com a sua politica, pois vejo que o seu jornal é o unico que tem dito verdades. E assim, dou tambem a minha adesão ás cartas dos srs. Oliveira Cabral e Caldeira Queiroz. Portanto, podem V.v. Ex.as contar com mais esta humilde pessoa, ainda que sem importancia mas fiel e firme, no que compreenderem ser para bem da nossa querida Patria.

Sou de V. Ex.a
mt.o at.o vnd e obr.o
José Pires Pinto.

* * *

Rescaldia, 23—11—919.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Tambem sou um humilde admirador das nobres qualidades de V. Ex.a apesar de não ter o gosto de o conhecer pessoalmente.

Apesar do meu pouco valimento, pode V. Ex.a contar com a minha pessoa e tambem com o Joaquim Ferreira Coelho na agremiação politica organizada por V. Ex.a.

Sou com todo o respeito e consideração

De V. Ex.a
At.o Creado e muito Obr.
Antonio Antunes (Alfaiate).

* * *

João de Lemos

Tambem este illustre professor e homem de bem, nosso prezado amigo, nos escreve nos termos seguintes:

Bragado, 25—XII—919.

Meu Ex.mo e Muito Ilustre Amigo:

Perdoe-me, se tanto o tenho causticado e afligido com as minhas impertinentes remessas epistolares. Mas quero pedir-lhe me releve dos multiplos desconchavos com que o tenho asseteado e dentre eles aquele em que eu lhe dizia o que faria se fosse politico! E' bem a expressão petulante, ultra estupida, do leigo a querer ensinar o padre nosso ao vigario. Nós todos somos creanças ao pé de um gigante, nós, já se vê, aqueles que admiram o alto valor de V. Ex.a. Ter pretensões de dar conselhos a V. Ex.a, só quem fôr muito fraco de espirito, as poderá alimentar.

Eu sou um homem modestissimo, fujo da sociedade, tenho uma vida recolhidissima, embirro eu não afligir ninguem. Se não tivesse este feitio tinha-me arranjado melhor porque os tempos vão correndo bem para todos os pedantes e intrujões.

Diz V. Ex.a que está fundada a «Liga da Educação Nacional e aberta a lista dos adherentes». Seria pleonasmo dizer a V. Ex.a que estou, com o meu nulo valor á plena disposição de V. Ex.a e sinto sinceramente não ter muitos meritos para os pôr a todos ao seu serviço. Para onde V. Ex.a fôr e seja para onde fôr irei eu tambem. Muitas vezes tenho eu dito aos meus amigos: "Não me importo que Homem Christo ataque ou defenda seja o que fôr e quem quer que seja, no campo doutrinal ou pessoal. Gosto da sua fórma de evangelizar, reconheço-o um espirito superior, digno das maiores homenagens e eu segui-lo-ei até ao fim da minha vida». Já V. Ex.a vê que eu não posso fazer uma mais absoluta abdicação do meu ser. O que V. Ex.a me mandar farei. O que V. Ex.a disser e afirmar cre-lo-ei a olhos fechados. No momento actual tenho precisado e muito de V. Ex.a mas já até aqui fui seu ferrenho adorador e continuarei a se-lo, succeda o que succeder. Não topa V. Ex.a creatura mais pertinaz e mais seu amigo! Ninguem faz mais ardentes votos pelos sucessos da sua fortuna. E eu disse-lhe que não gostava de o ver chefe politico pelo temor de o ver ceder algum dia ante as sugestões do partidarismo. Se lhe disse isso não deixei de confessar que só V. Ex.a é uma esperança forte desta patria. E que só V. Ex.a seria capaz de se pôr á frente de um nucleo de forças moraes e com a sua preciosa auctoridade impor a disciplina nesta terra.

Dou-lhe, pois, a minha sincera adhesão e creia na sinceridade inalteravel deste seu,

De V. Ex.a
Creado muito dedicado e grato,
João B. de Lemos.

* * *

Cunha Mello e Moraes Silvano

Mais duas adhesões valiosas. Cunha Mello, que está a findar a sua formatura em medicina na Universidade de Coimbra, é um moço de talento, e decidido patriota. Conhecemo-lo em Lisboa, quando estavamos preso no Hospittal de S. José e elle andava fugido ás justiças de Sidonio como um dos promotores da revolta de Coimbra, em 12 de Outubro. O sr. Moraes Silvano só o conhecemos por tradição honrosa.

COIMBRA, 26-12-1919.

Meu Ex.mo Amigo.

Só o meu estado de saude tem determinado o meu silencio sobre a nobre Liga de Educação Nacional.

Com todo o entusiasmo adiro a essa alta iniciativa que rialisará certamente uma obra perduravel, apresentando, tambem a adesão do Ex.mo Sr. Antonio Lopes de Morais Silvano, comissario geral da policia no distrito de Coimbra.

Com a mais alta consideração, subscrevo-me.

De V. Ex.a
Admirador e venerador

Cunha Melo.

* * *

Eurico Campos

Foi inspector de policia no tempo do *dezembrismo*, mas como se não quiz associar á traição monarchica foi preso na revolução de 12 de Outubro. Esteve na Torre de S. Julião da Barra, sendo solto unicamente quando rebentou o movimento no Porto. E' um homem de authentico valor, como o attestam os seus trabalhos publicados quer em livros, quer em revistas e jornaes. Tem velhas tradições republicanas, pois seu irmão foi um dos revolucionarios de 31 de Janeiro, tradições que tem sabido manter e conserva.

Muito folgamos com a sua adhesão.

Meu prezado Amigo Dr. Silvio Pelico filho

O meu amigo conhece a grande admiração que tenho por Homem Christo; sabe quanto admiro a sua muito inteligencia e o seu alto valor moral. Pois bem, não tendo outro meio de lhe demonstrar a minha muita admiração, permita-me que por seu intermedio lhe dê a minha adhesão á patriotica Liga de Educação Nacional.

Eu bem sei que esta adesão nada representa porque eu nada sou nem nada valho, mas ela é bem sincera e bem espontanea e representará apenas a minha muita admiração pelo grande republicano, grande patriota e homem de bem que é Homem Christo.

Agradecendo-lhe a transmissão da minha desvaliosa adesão, creia-me meu caro Dr. Silvio Pelico filho.

Amigo certo
Eurico de Campos.

27—12—919.

* * *

Drs. Silvio Pelico, Torres Garcia e Augusto Soeiro

Três professores, três homens de muito merecimento, três homens de grande caracter, três nomes de élite.

O nosso prezadissimo amigo Silvio Pélico já nos tinha escripto em 21 a anunciar a sua adhesão e a dos dois amigos. Mas confirmou-o mais extensamente em carta de 28.

São três adhesões valiosissimas, com que muito folgamos.

Meu ex.mo e presado amigo.

COIMBRA—Celas, 28-XII-919

Seria escusado escrever esta carta a V. Ex.a, visto que não é de hoje, nem de ontem, que eu me acostumei a seguir V. Ex.a na sua grande e nobilissima obra a favor da Patria, da Democracia, do Direito e da Justiça. Mas não quero deixar de escrever a V. Ex.a, a fim de por uma maneira muito especial lhe dizer, que tenho todo o prazer em ser considerado um dos elementos, embora dos mais modestos e desconhecidos, da Liga de Educação Nacional, presidida e superformente dirigida por V. Ex.a. Acompanham-me tambem dois grandes espiritos, almas profundamente republicanas e patriotas, de elevado talento e vastos conhecimentos, e que são os meus queridos amigos, e amigos de V. Ex.a, os drs. Torres Garcia e Augusto Soeiro. São dois rapazes novos, mas que pelo trabalho, inteligencia, honestidade e saber, se souberam impor á consideração e ao respeito da sociedade portuguêsa. Dois espiritos de élite que não conheceram jámais o defétismo, e sempre tiveram, ainda nos momentos mais interrogados e dolorosos por que tem passado a nacionalidade portuguesa, uma confiança inabalavel e absoluta nos destinos da raça e no triumfo da Republica e das democracias.

São dois patriotas e republicanos de verdade e de coração, dos quais a Patria e a Republica muito teem a esperar. Professores distintissimos sabem honrar e dignificar a profissão que exercem. E é principalmente como professores que esses dois nossos amigos, como quem escreve estas linhas, se sentem satisfeitos apoiando e auxiliando a Liga de Educação Nacional. Toda a alma portuguesa, no seu aspeto mais profundo e vasto, se resume num trabalho de uma longa, persistente a continua educação e instrução, abrangendo todas as camadas populares e todos os elementos nacionais e dando-lhes um fim amplamente nacional e democrata.

Urge fazer de cada portugues um autentico valor social e positivo. E' urgente reformar todos os ramos da nossa administração publica, e atuar intensa e profundamente num sentido nacional e construtivo, em toda a nossa Pedagogia. E' imprescindivel *reformar* todo o ensino portugues, aproveitra o que existe de bom e de util, eliminar o que fôr mau e absoléto e completar o que se encontra deficiente. Precisamos de homens decididos a trabalhar pelo bem da Patria e da Republica e que coloquem acima de tudo e de todas as coisas, a Justiça, o Direito, os interesses supremos da Nacionalidade e da Democracia e que por eles se sacrifiquem até onde fôr preciso e necessario. E' no trabalho e pelo trabalho que nós nos salvaremos. Encaremos, para os resolver, todos os problemas nacionais. Criemos um ambiente moral que não permita o triunfo dos incompetentes ou dos miseraveis sem escrupulos. Ha sempre uma ponte ondo os espiritos de ideal se encontram sem quebra de compromissos de honra e de dignidade. Seja qual fôr o aspeto pelo qual consideramos o problema nacional, é sempre á Educação e á Instrução que havemos de ir tocar como a origem e o fim de todo o nosso progresso moral e social, material e politico. Temos materialmente e socialmente otimas condições de vida e de prosperidade. O continente portugues está quasi todo por explorar e valorisar, quiçá talvez a parte mais rica e de maior futuro. Possuimos uma unidade nacional que não está sujeita a lutas e rivalidades étnicas e de raça. Somos senhores de um poderosissimo e riquissimo imperio colonial, que nos saiu aumentado e fortalecido da grande guerra das Nações. E gosamos de uma situação internacional quanto possivel boa e feliz. Ha sintomas revelatores de uma intensa vida economica.

A questão está em o Estado os saber aproveitar. As qualidades da Raça são esplendidas. Que é mister fazer? Aproveita-las. Instruir e educar todo o nosso Povo, mas em especial instrui-lo e educa-lo técnicamente e profissionalmente.

Precisamos de renovar e modificar por completo toda a nossa forma de governar. Ha que fazer uma obra profundamente radical na maquina governativa do Estado, não permitindo o uso do poder a individuos que nada saibam das funções que exercem e que se limitam apenas a ser simples automatos nas mãos da burocracia. Toda a vida nacional precisa de ser remodelada de *fond en comble*, e os poderes publicos em vez de ser, como teem sido, simples trambolhos que dificultam o natural progresso do Pais, deverão ser principalmente elementos fomentadores da irradiação e desenvolvimento de todos os valores nacionais.

Todos os poderes do Estado teem de sofrer reformas absolutamente radicais e completas. Ha que esmagar, como viboras, toda essa corja de defectistas, que, muitos deles, detentores da maior parte das funções do Estado, só teem sabido fazer uma obra de destruição, de envenenamento e de traição nacionais. Urge ir ao seu encontro e esmaga-los, como viboras, esses defectistas que não desarmam... Resumindo: precisamos de constituir uma grande força que seja a maior de Portugal. E para conseguir essa força é indispensavel que *o* meio criado pela nossa acção, a atmosfera moral, o ambiente, sejam alguma coisa de absolutamente diverso e oposto ao que até agora tem existido entre nós. E' indispensavel que esse novo meio seja de energica e de decidida resistencia áquele que nos asfixiou. E' indispensavel inaugurar em Portugal uma Vida Nova. Ação e Competencia, patriotismo e fé republicana, sempre e cada vez mais na defeza e salvação desta Patria e desta Republica é daquilo de que mais necessitamos.

Tudo pela Patria, tudo pela Republica, tudo pelo Direito, tudo pela Justiça e tudo pela Verdade. Que essa Liga de Educação Nacional consiga dar á Patria e á Republica a noção consciente e inabalavel da grande obra nacional a fazer, e dos meios a empregar para a realisar, são os votos sinceriissimos que faz o

Amigo de V. Ex.a
e seu adm. muito dedicado
Silvio Pélico Filho.

* * *

LISBOA 29-12-1919.

Ex.mo Sr. Homem Cristo.

Peço-lhe a fineza de me inscrever como socio da Liga de Educação Nacional que se pretende fundar.

De V. Ex.a
Com toda a consideração
Carlos Torres.
Funcionario da Caixa Geral de Depositos

* * *

João Conde

Fechamos, por hoje, com a carta do sr. Oliveira Cabral, e a do sr. Cesario Cruz, a que elle se refere.

A carta do sr. Oliveira Cabral traz-nos a adhesão,—e sempre que dizemos *nos*, nos referimos á *Liga*,—do sr. João Conde. O que é o sr. João Conde e o que vale mais essa adhesão di-lo eloquentemente o sr. Oliveira Cabral.

Ex.mo Snr.

Antes de mais nada: que o novo ano traga a V. Ex.a e á Patria tantas felicidades como as que para minha familia ambiciono.

Remeto a V. Ex.a uma carta que me foi enviada pelo sr. Cesario da Cruz. Parece-me que deveria ser publicada. Se V. Ex.a assim o entender terá a bondade de a fazer inserir em «O de Aveiro». Duma carta que me foi enviada por João Conde, cujas qualidades de inteligencia, independencia, de trabalho constante e de lutador ninguem que o conheça põe em duvida, extraio os seguintes periodos cuja publicação em «O de Aveiro» ouso impetrar-lhe:

«...Já compreendeste que a tua carta para «O de Aveiro» foi uma loucura dos teus verdes anos que se manifestaram em franca ignorancia da mecanica politica e das intenções humanas. Fica sabendo que muita gente lê «O de Aveiro», que muitos concordam absolutamente com as doutrinas expostas mas que poucos teem a coragem de levantar alguem para as realizar fora dos agregados politicos existentes. Os governos lisongeiam Homem Cristo; oferecem-lhe lugares; rodeiam-no de uma atmosfera de simpatia. Mas muita gente, a maior parte, não o desejaria no poder porque, cortando direito, atingia quasi toda a sociedade portuguêsa, essencialmente parasitaria e gravemente integrada no sistema do favor politico.

Se a obra do levantamento colectivo não fôr de todos—meu caro, chama-me os estadistas que quizeres e tudo voltará á primeira forma depois da sua passagem pelo governo. Já não digo de todos mas de uma grande maioria. Pois consigna lá este desejo: se formardes uma liga de educação e resistencia democratica tendes o meu humilimo apoio moral e material. Esse é que é o caminho. Os partidos não dão resultados apreciaveis a não ser como elementos de equilibrio e defeza politica. Que se aguentem para defender a Republica e manter a ordem. Realisações de outra ordem é preciso defende-las de baixo com uma geral consciencia dos nossos deveres e interesses, e, com uma força que, acima dos partidos, sejam eles quaes forem, se imponha aos senhores governantes.

O que tu propunhas não podia ser mesmo um partido politico.

Se tu compreendes que o numero dos maus é superior ao dos bons como querias organizar um partido de governo constituido por elementos sãos e sem a intervenção daqueles que eram necessarios á maioria com que nas democracias se governa? A não ser que contasses com a ditadura muito desacreditada no nosso paiz, embora não tanto como os parlamentos. Ou que confiasse na justiça imanente, naquela divina luz que, segundo o proprio Homem Cristo, domina os actos colectivos e guia o *substractum* das multidões. Como és forte em filosofia não admira que o Gustave le Bon tenha dado umas sortidas á tua Secretária. Fiquemos nisto, meu caro Manuel.

Eu serei sempre como tu um eterno parvo, constantemente batido pelas desilusões e sempre de pé na esperança dum amanhã que redima esta querida patria. Digo-to com o coração junto do teu no mesmo anseio febril e sincero de manter e aperfeiçoar esta sombra moral daquilo que já foi alguem. Nunca me senti tão português e tão republicano. Mas a descrença nos homens é grande em mim. Nos homens dirigentes, bem entendido, que, áparte uma ou outra orientação, teem falhado vergonhosamente. Mas confio nas qualidades do nosso povo. A massa não é tão boa como a francêsa, diz Homem Cristo, mas bem moldada sempre daria uma patria grande. E' por isso que eu confio principalmente numa acção conjunta de todos os patriotas conscientes no sentido de educar, dando forma a essa bela massa tornando-a elomento da propria valorisação. Uma liga assim, de salvação publica, pela integração das multidões semi-selvagens na harmonia do Estado, pela evolução do ensino técnico, elamentar e superior, pela criação de um ideal nacional que nos falta a todos, é que ela devia pugnar substituindo-se aos governos na sua função educativa. Para isso conta comigo tambem e exige-me sacrificios.

Teu

João Conde.

Meu caro sr. Homem Cristo: E' mais uma adesão e esta valiosissima, entre tantas que teem acorrido ao chamamento. Falta que V. Ex.a exponha desde já para o discutirmos um programa de realisações imediatas. Certamente, atenta á minha pouca idade não me compete um similhante trabalho.

Não percamos tempo, pois.

Oliveira Cabral

* * *

Ex.mo Sr. Oliveira Cabral

Mais uma vez... e agora por Deus, por minha felicidade que não o abandonarei... Está fundada a Liga da Educação Nacional. Eis um grande facto da nossa historia, ainda que pareça ao pessimismo sobranceiro de nossos corações

desanimados, uma obra utopica de lunaticas aspirações. Não, o facto revela-se com sintomas de obra que dará obra. A questão é trabalhar. Que os corações deem á marcha, lenta embora, a mecanica continua dos ideais firmes, das energias tenazes.

Meu caro sr. Oliveira Cabral. De vagar se vai ao longe e do longe se faz perto quando a finalidade dos propositos nos entraram a alma pela porta filosofica do Ideal, pratico em sua virtude, teorico em sua luz de Verdade. Não tenhamos pressa, não sejamos fogosos, quanto mais impaciencia, maior desanimo na estrada que levanta barreiras adversas... Vamos andando... Vamos andando e que a luz da Patria-Mãe nos beije no anel de fogo da Salvação. Olhe, meu amigo, que eu sou-lhe exemplo do que vale o ideal, servindo-se não com entusiasmo de foguetes de bombas, mas com os entusiasmos que duram na propria obra tenaz, lenta e continua da Construção. Socio da Pleiade Ilhavense, agremiação de rapazes moços, em ardua tarefa de elevação bairrista—na Terra de Ilhavo, berço de marinheiros, nostalgicos e santos,—eu, com meus companheiros, vou na senda luminosa com os olhos embriagados de sonho e, praticamente, com paulatina harmonia e esforço. Parar? Jámais. Esmorecer? Nunca. A's vezes supõe-se que a Pleiade morreu. De repente, qual Etna, abre-se a cratéra e por sôbre um anel de fogo brota a luz que nos canta a voz do Verbo. E tudo fica pasmado perante a inergia dos moços...

De vagar, pois, Oliveira Cabral, e vamos ao fim. Pena tenho de ser doente, e não pouco doente ando neste momento em que lho escrevo. Mas que quere? Se o *Alea jacta est* me acordou lagrimas vertidas do cristal do Afecto...

Vamos pois, corações ao alto na montanha do Sacrificio e do Heroismo. A voz dos indefectiveis que seja eco na propria luz purificadora das consciencias... Opiniões? Sou pequerrucho para elas. Diga V. Ex.ª e diga Cristo com a coorte dos amigos.

Estabelecida a coisa ela será eterna, precisamente porque nasce dos proprios fundamentos da nossa Virtude. E'-nos faculdade essencial do amor celular na propria voz intrinseca da raça na luz da Historia e por isso não morre emquanto vivermos.

V. Ex.ª deve já encetar em *O de Aveiro* uma campanha heroica. E procurarmos o mais depressa quanto possamos os necessarios fundos para os primeiros e repetidos manifestos ao país. Por meio de manifestos e conferencias faremos a republica que não foi ainda balbuciada... Livros, não sei fazer. Doente, trago o cerebro arrazado. Umas palestras ao publico, pequenos discursos, uns artiguinhos de propaganda e uns auxilios monetarios conforme minha pobreza—sou professor primario, sem bens de raiz—ainda sou susceptivel de produzir.

Adeus, meu caro sr. Oliveira Cabral. Dou-lhe o abraço da Patria Santa.

Adeus.

Amigo At. Ven. e Obr.

Paços de Brandão.

Cesário da Cruz.

P. S.

Jacintho Simões

E lá ficava para traz, esquecido (e que tal?), o nosso querido Jacintho Simões, que é das pessoas a quem dedicamos amizade mais profunda e carinhosa. E que é um caracter, um homem de coração, um valente, destemido, energico, e uma intelligencia assignalada. Homem que se tem feito por si e que por si, altivamente, se tem imposto.

O nosso muito querido amigo escreveu-nos em 22, de Lisboa, dizendo-nos que seria inutil affirmar que está com a *Liga* com todo o seu enthusiasmo e de todo o coração.

A *Liga de Educação Nacional*, como se vê, já é uma pleiade distinctissima. Em breve se tornará uma grande legião.

Cinicos e histriões

Os monarquicos conspiradores e os sidonistas de igual profissão, bandidos num corpo unico, apareceram agora na sua repugnante imprensa a chorarem nenias pelo facto de o governo ter ordenado a remoção dalguns presos politicos, dos mais facinorosos, para o forte de Monsanto.

As *vestais* monarquicas indignaram-se com a falta de respeito e de consideração havida com os *inclitos cidadãos*, que por varias vezes teem posto este paiz na desgraça e no luto.

Os monarquicos, falando assim, dão-me a impressão de burlescos palhaços, fazendo esgares e momices num circo de variedades.

Grandes e impudentes pulhas, que ainda ha dois dias, senhores omnipotentes do mando mais arbitrario, meteram em enxovias imundas, juizes da Relação, oficiais superiores do exercito, medicos, professores, advogados e mais pessoas pertencentes ás classes elevadas e cultas, tudo de cambolhada com criminosos comuns da mais baixa estofa, e já hoje se sentem com autoridade bastante para censurarem um governo, que removeu para o proprio local do crime os insurgentes de Janeiro ultimo!

Nunca se viu maior cinismo, impudor assim!

Os mariolas, que deviam apenas, salientar a atitude correcta e generosa da imprensa republicana, que abstraindo dos seus maleficios de bandidos e esquecendo os seus agravos, lhes perdoou algum tanto do seu crime, comentando desfavoravelmente o acto do governo e pedindo para eles um regime especial de tolerancia e de favor, iamos dizendo, os mariolas já se sentem com coragem para irrogarem de intolerante e de rancorosa a Republica, sobre a qual fazem cair a chuva dos seus improperios e ameaças!

Tambem somos de opinião que aos conspiradores monarquicos e sidonistas se deve dar um tratamento harmonico com a generosidade dos republicanos e com a benignidade que sempre merecem os presos por delitos politicos e sociais.

Mas só por esta circumstancia, nunca porque os insurgentes de Janeiro mereçam a nossa mercê.

Para que esquecessemos as suas malfeitorias, preciso era que não vissemos as faces da Patria conspurcadas pela traição desses miseraveis, e que a cada canto não topássemos com o espectaculo confrangedor dos mutilados, dos orfãos e das viuvas, que a sua perversidade e ancia de sangue causaram.

Quando queremos haurir fé na Republica, vamos ler a abjecta e revoltante imprensa monarquica e a indignação, que sentimos dessa leitura, alenta e robustece em nós o nosso proselitismo e a nossa crença.

Vemos, com amargura e melancolia, alguns partidos republicanos transigirem com os seus inimigos d'ha pouco, que serão sempre os seus inimigos de todas as horas.

O sidonismo é uma perversão, que vigarizada pelo odio das almas vis, não perdôa, nem esquece.

Os *liberais* fizeram pacto com os apaniguados do sidonismo e nas suas fileiras já pontificam, junto dalguns esforçados republicanos, os seus inimigos da vespera, os carcereiros, os espiões e os carrascos dos partidarios estremes da Republica, que contra o dezembrismo suportaram o combate férvido e as torturas inenarraveis dos seus verdugos.

O regime republicano deve impor-se por uma obra honesta de equidade.

Mas os factos que observamos não são de molde a acoroçoarem-nos.

Armando Lança, o intrepido marinheiro, meu fraterno amigo, que em 7 de Dezembro abriu brecha na hoste dos vilões, até cair exanime e heroico, reatando assim a continuidade das nossas virtudes civicas e republicanas, que se iam perdendo nesse infausto dia, mercê das defeções e da covardia de muitos, acaba de ser batido na sua candidatura pelas maquinações e pela má-vontade de certos politicos, que puzeram o espirito de seita e de compadrio acima do interesse supremo da Republica.

Quem, mais do que Armando Lança, encheria de legitimo orgulho o nosso vivaz sentimento republicano?

Ninguem!

Ele seria no Parlamento a condenação viva e sempre presente dos traidores dezembristas, que o iam inutilizando para a defêsa da Patria, o anatema e o repudio dos republicanos que impudicamente se abraçaram aos reprobos sidonistas.

Foi, talvez, por isso que o não quizeram na Camara.

O tenente Armando Lança podia ali desabotoar a sua farda nobre de soldado e mostrar á defecção e á cobardia dos proceres as heroicas cicatrizes do seu corpo mutilado, afirmando naquele soléne lugar, junto dalguns olhos ingratos, a sua coragem lacedmonia e inegualavel.

Melancolico é ver a Republica de 5 d'outnbro transigir com essa porcaria a que chamaram Republica nova e que é a contrafação da verdadeira democracia.

O sidonismo é o espirito anti-republicano. Transigir com ele é macular a Republica e preparar-lhe novos momentos aziagos.

Está nisto o motivo porque nós ainda não abandonámos a liça politica.

E' com este escopo que temos feito a mais intensiva e constante propaganda, para que se não transija nunca com o torpe sentimento de felonia e de vindita, que animou os insurgentes de 5 de Dezembro, bandoleiros que não tiveram pejo de, Portugal em guerra, anularem o nosso esforço militar e de se aconchavarem com os nossos comuns inimigos, os monarquicos, para nos imporem o mais cruel despotismo.

O dezembrismo chegou, no auge maximo do seu odio, na turbação da sua ira epiletica, a não nos dar categoria humana. Entravamos na cadeia, com o corpo retalhado pelo azorrague do agressor covarde, matavam presos inermes com requintes de canibalesca crueldade, insultavam a honra das esposas dos adversarios enclausurados ou prófugas, e nós não tinhamos quem condenásse, ou sequer lamentasse, o vilipendio desumano e injusto.

Nos circos romanos houve mais humanidade.

E' certo que não vimos Cesar, no velário, ageitando aos olhos frascarios a ametista, nem a turba impiedosa gritar o *feri* do estilo.

Mas o *sátrapa* de Belem tambem gosava o sofrimento das vitimas, que em listas por seu punho feitas indicava.

Desgraça, por desgraça, antes queria ser oprimido pela desvairada horda extremista, que nos dominaria em nome dum inco m preendido idial de perfeição e de igualdade, do que ver-me novamente opresso pela milicia *conservadora* e sidonica, que viria impor-me uma tirania torva em nome,—vejam o sarcasmo! —da ordem e da disciplina.

Essas femeas, que pertencem ao *high-life*, á sociedade *chic* e de bom tom, e promovem manifestações de pezar pela morte do ditador Sidonio, cujo porte masculo lhes despertou o instinto genesico, criaturas degeneradas, que não parecem mulheres, porque lhes faltam a sensibilidade moral e o encanto da bondade, é que estão, dominadas pelas sugestões do confessionario, incumbidas de afervorarem o culto pelo assassinado tirano, cuja obra politica, afóra a parte criminosa, só nos deu a *sopa dos pobres*.

O despota queria agradar pela mesma maneira dos frades, que distribuiam a esmola degradante do caldo, junto das portarias dos conventos.

Mas é grande o numero dos orfãos, das viuvas, dos martires e dos mutilados, feitos pela ditadura de sangue, que foi o sidonismo, para que este povo, de indole sentimental e doce, possa olvidar a ignominia dezembrista.

A burguezia dinheirosa é tão vil que nem sequer admite que os pobres e os humildes tenham sentimento

Os mortos não se vingam, mas governam os vivos.

E' honrando a memoria de tantos martires obscuros, que comnosco batalharam e sofreram, que nós outros andamos empenhados nesta cruzada de justiça e de verdade.

Antonio Lúcio Vidal.

Victima do Dever

Subscripção aberta para um monumento funebre que, no cemiterio de Frossos, perpetue a memoria do cabo de infantaria 24 que foi o primeiro a cahir morto nas linhas do Vouga, em defesa da Republica, quando os miseraveis traidores do Porto, traidores á sua patria e ao regimen, atacaram esta cidade.

Transporte.....	40:000
Manuel Ferreira Lavrador (Aradas—Aveiro	2:500
Manuel Dias dos Santos Ferreira (Oliveirinha—Aveiro) . . .	2:500
Julio Rodrigues da Silva (Aveiro)	500
Henrique Rato (Aveiro) . . .	2:000
Anonymo (Vagos)	500
Manuel Antonio de Abreu (natural de Aveiro, mas residente em Carcavelos)	1:000
Cesário Cruz (Rio Meão) . . .	500
Eusebio Tavares (Portalegre) .	500
Thomaz Ignacio de Carvalho (Alijó)	2:500
Somma.....	52:500

Dizem-nos que a informação relativa ao sr. João da Maia, de Aveiro, a que nos referimos no ultimo numero, a proposito d'esta subscripção, não é exacta. Pois sendo assim, como é de crer, com prazer rectificamos.

Ao Governo do meu Paiz

Em brevos palavras vou dizer a quem se encontra no poder que urge providenciar.

E' o nome do povo portuguez que se enxovalha — é a dignidade e a nobreza da raça postas em cheque.

A bordo do vapor «Peninsular», procedente de Lisboa e que entrou no porto de Sam Tomé em 29 de novembro do ano corrente, praticaram-se furtos em diversas mercadorias destinadas a esta praça, que ascendem a muitos milhares de escudos.

Além do roubo, ha tambem a condenar o desleixo, acentuadamente criminoso, com que a carga é tratada — tudo num estado lastimoso: azeite, vinho, etc. de mistura com fazendas, pelo que a avaria em determinadas mercadorias é enorme.

Perante esta vergonha, o agente da Companhia de Seguros Lloyds, que por sinal é inglez, apenas, abismado, exclama;

»Oh!... portuguez estar muito ladrão!»

Basta de tanto crime e de tamanha impunidade. Dê o Governo remedio a tal descalabro que nos envergonha e vexa perante o mundo.

A pratica de roubos de tal natureza a bordo dos navios mercantes, vem-se arrastando desde longa data, mas ultimamente tem tomado proporções escandalosissimas.

Apurem-se e exijam-se responsabilidades e garanta-se ao carregador a entrega da mercadoria no seu destino.

A Companhia Nacional de Navegação, tornou-se irresponsavel pelo descaminho de volumes e de quaesquer avarias nos seus carregamentos.

Consequentemente, autorisado o roubo a bordo dos seus navios.

Não pode ser! Tome, quem de direito, as medidas necessarias.

Acabe-se por honra nossa com taes vergonhas.

Sam Tomé, 13 de dezembro de 1919.

Adão da Cruz Moreira Dias.

Sargentos

De pessoa que conhece muito a vida militar da guarnição do Porto, recebemos a carta que se segue. Leiam com attenção, que no fim diremos duas palavras de commentario.

26 | 12 | 1919.

Ex.mo Sr. H. Christo.

Saudações.

A proposito de ter lido n'*O de Aveiro*, que alguns sargentos tinham sido transferidos, por lerem o considerado jornal de que V. Ex.ª é digno director, devo dizer a V. Ex.ª o seguinte: Aproximadamente uns oitenta sargentos da guarnição do Porto, assiduos leitores do patriotico jornal, falavam para darem o apoio incondicional á iniciativa do illustre republicano, e professor Cabral, sendo nesta ocasião que veio ordem para serem transferidos, com o titulo "conveniencia de serviço,,. Deslocaram do 3.º Grupo, 12 sargentos, e outro tanto fizeram nas outras unidades, dando isso origem a que os ilitares transferidos fossem unanimes em dizer ter sido a causa lerem *O de Aveiro*.

Neste momento um colega, que tambem foi transferido, acaba de declarar o seguinte: "Cheguei a infantaria 30 com os meus colegas, fomos chamados ao gabinete do comandante de infantaria 10 (comando militar) e disse-nos: "Vocês veem transferidos por politica; previno-os de que posso manda-los licenciar.» E como os sargentos não se conformassem, e alegassem ser republicanos e perseguidos, o major respondeu: "Não é verdade haver falta de sargentos no 30, porque temos sargentos a mais,,.

Ha um sargento castigado infamemente com 40 dias de prisão correccional, que atribue essa infamia, e com razão, unicamente a ser dos inimigos mais declarados e decididos dos monarchicos e germanophilos. Com esse sargento deu-se o seguinte: O comandante de infantaria 18 (membro da Junta Governativa) no dia 27 de setembro de 1919 (2.ª vez) na presença dos officiaes e sargentos, dando-lhe voz de prisão disse: "Vai para a casa de reclusão por conspirar,, A isto respondeu o sargento que defendia a Republica, portanto que não era conspirador. E como aquele insistisse, o sargento disse mais: "Vou para a casa da reclusão, a fim de melhor fazerem mudança do regimen.,,

Isto foi dito, sr. H. Christo, como já disse, na presença dos officiaes e sargentos do Grupo. Pois hoje este coronel (Gama Lobo) comanda o 18, juntamente com o trauliteiro seu cunhado. E o que disse deste, outro tanto posso dizer do Tristão Paes de Figueiredo, que acaba de ludibriar os republicanos, a fim de libertar o coronel Costa Santos, comandante do regimento de artilharia 4, no tempo da traulitania. E assim como do barriguista dezembrista João Peixoto, comandante do 3.º Grupo de Metralhadoras, porque anda feito com o coronel Nogueira Soares, Espirito Santo e outros, como sejam os filhos e sobrinhos do chefe do dezembrismo, e tentava colocar na G. Fiscal o capitão Nogueira Soares, um dos que declarara em Africa que jámais combateriam os alemães, e ordenou á 3.ª bateria do 3.º G. de Metralhadoras para jurarem; a este, quando devia ser eliminado e posto na fronteira, deram-lhe o comando da G. Fiscal! Dizem tambem nas esferas superiores que o cobardão de Chomba puniu o coronel N. Soares, "para inglez ver».

Mas vamos ao caso do castigo do sargento. No dia 29 de outubro foi ele para o quartel á paisana e deu o fato e um alfinete com brilhante a guardar ao quarteleiro. Quando retirava do quartel, o quarteleiro não o apresentou falando com o 1.º sargento. No dia imediato participou o sargento o ocorrido. Tinha exemplar comportamento, não foi encontrado no quartel á paisana. E eles, dezembristas e cobardões infames puniam-n'o com 40 dias de prisão correccional! Só por ter entrado no quartel á paizana!

E fico-me hoje aqui, para não me tornar mais massador e para não lhe roubar mais tempo.

Creia-me republicano convicto e seu admirador.

S.

Se ha coisa a mais ou a menos no verdadeiro motivo dos 40 dias de prisão correccional ao sargento, ignoramos. Se effectivamente os 40 dias de prisão correccional tiveram o motivo que atraz se refere, não ha outra infamia assim.

Um ponto, porem, se apresenta indiscutivel. E' o que diz respeito ao coronel Gama Lobo. Como é que este homem, que foi um dos que assignaram a intimação ao *Norte*, se encontra no Porto á frente de um regimento? Isto é uma infamia viva. Em tempos lemos no proprio *Norte* que alguem garantia o republicanismo d'essa creatura. Custou-nos ver o *Norte* acceitar sem revolta essa repugnante evasiva. Se era republicano, *peor*. Maior foi o seu crime. Um republicano que fez causa commum até aquelle ponto com traidores, um republicano que levou a sua affronta aos principios até se associar ao attentado commettido contra o *Norte*, tornou-se **absolutamente** incompativel com os *verdadeiros* republicanos e o regimen. Isso é mais imperdoavel e ultrajante do que pegar em armas, até, contra a republica.

De resto, se os sargentos perseguidos *o foram* por ler *O De Aveiro* e querer adherir á idéa do sr. Cabral, o *Chomba* **ficou comido**. Porque ainda ficam no Porto *muitos sargentos* para ler *O De Aveiro* e... **adherir**. Alem dos que foram transferidos se tornarem, naturalmente, magnificos agentes de propaganda a favor de *O De Aveiro* e do sr. Homem Christo.

Torpes! Mas acima de torpes, di-lo-hemos sempre, imbecis.

Qualquer dia a corda estoira. Ora veremos.

Guarda Fiscal

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Ao Ex.mo Sr. José Augusto Ferrer Negrão, muito digno sargento jubilado da Guarda Fiscal:

Ex.mo Sr. A secção da Guarda Fiscal de Aveiro, a que V. Ex.ª tão dignamente pertenceu e onde sempre conquistou a maior estima e consideração, não só dos seus subordinados, mas tambem dos seus superiores e ainda de todos quantos de perto com V. Ex.ª trataram, com a jubilação que a seu pedido e contento acaba de lhe ser concedida, sofreu um vacuo que dificilmente será preenchido em iguaes circunstancias.

Não é por lisonja, mas sim por um acto de justiça, reconhecimento e afectuosa saudade que os cabos e praças da mesma secção, veem hoje patentear a V. Ex.ª esta simples, mas sincera homenagem de apreço ao cidadão que no arduo e espinhoso serviço como é o desta corporação, soube impor-se a merecer o respeito e estima de todos, no exacto cumprimento dos seus deveres.

Perdoe-nos a pobresa da nossa manifestação ás suas nobilissimas qualidades de homem e de funcionario, e creia na sinceridade que a ditou.

Aveiro, 28-12-919. **A. C.**

Agradecimento

Alfredo Manso Preto, agradece penhoradissimo a tôdas as pessôas amigas e conhecidas, que por qualquer meio se interessaram pelas melhoras de sua filha, durante a sua grave doença, da qual se encontra restabelecida; e em especial ao Ex.mo Sr. Dr. Lourenço Peixinho, pela muita dedicação e carinho com que a tratou.

Tribunal de Desastres no Trabalho do Districto de Aveiro

EDITAL

Alberto Souto, Juiz Presidente do Tribunal de Desastres no Trabalho do Disfricto de Aveiro:

Faço sabêr que nos têrmos do art.º 59 do Decréto n.º 4288 que regulamenta a Lei dos Desastres no Trabalho, publicado no Diário do Govêrno n.º 111 de 22 de maio de 1918, são convidádas as entidades a que se refére o art.º 58 do mesmo decréto —associações de classe patronais, operarias e médicas, companhias de seguros e sociedades mútuas—a enviárem a este Tribunal, em oficios devidamente autenticados, os nomes dos delegados á eleição dos vogais representantes das mesmas colectividades, no Tribunal de Desastres no Trabalho do Districto de Aveiro, a cuja constituição se procéde.

Os nomes dos respectivos delegados, com indicação da sua idade, estado, profissão, naturalidade e residência, devem ser enviados á Secretaria dêste Tribunal dentro de trinta dias a contar désta dáta.

O Tribunal de Desastres no Trabalho do Districto de Aveiro, que se acha instalado no edificio dos Paços do Concelho, 1.º andar E., será constituido por um presidente, dois Vice-presidentes, doze vogais representantes de clásse patronal, doze da clásse operária, quatro da clásse médica, quatro das companhias de seguros, e é destinado ao julgamento das questões suscitadas pela aplicação da lei n.º 83, de 24 de julho de 1913.

Aveiro e Secretaria do Tribunal de Desastres no Trabalho, 20 de Dezembro de 1919.

O Juiz Presidente,

Alberto Souto.